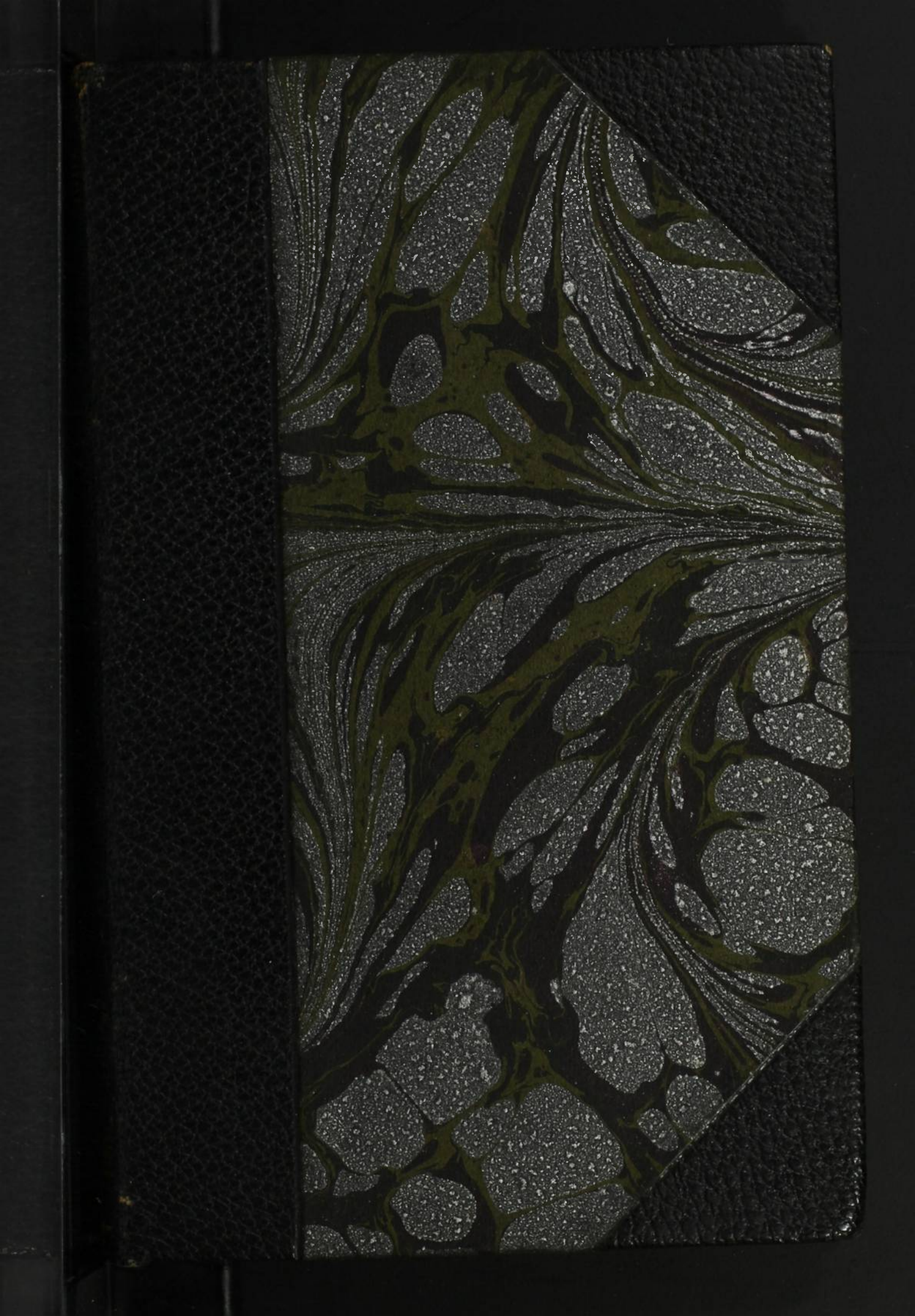


EX LIBRIS
FERNANDO GVEDES GALVÃO

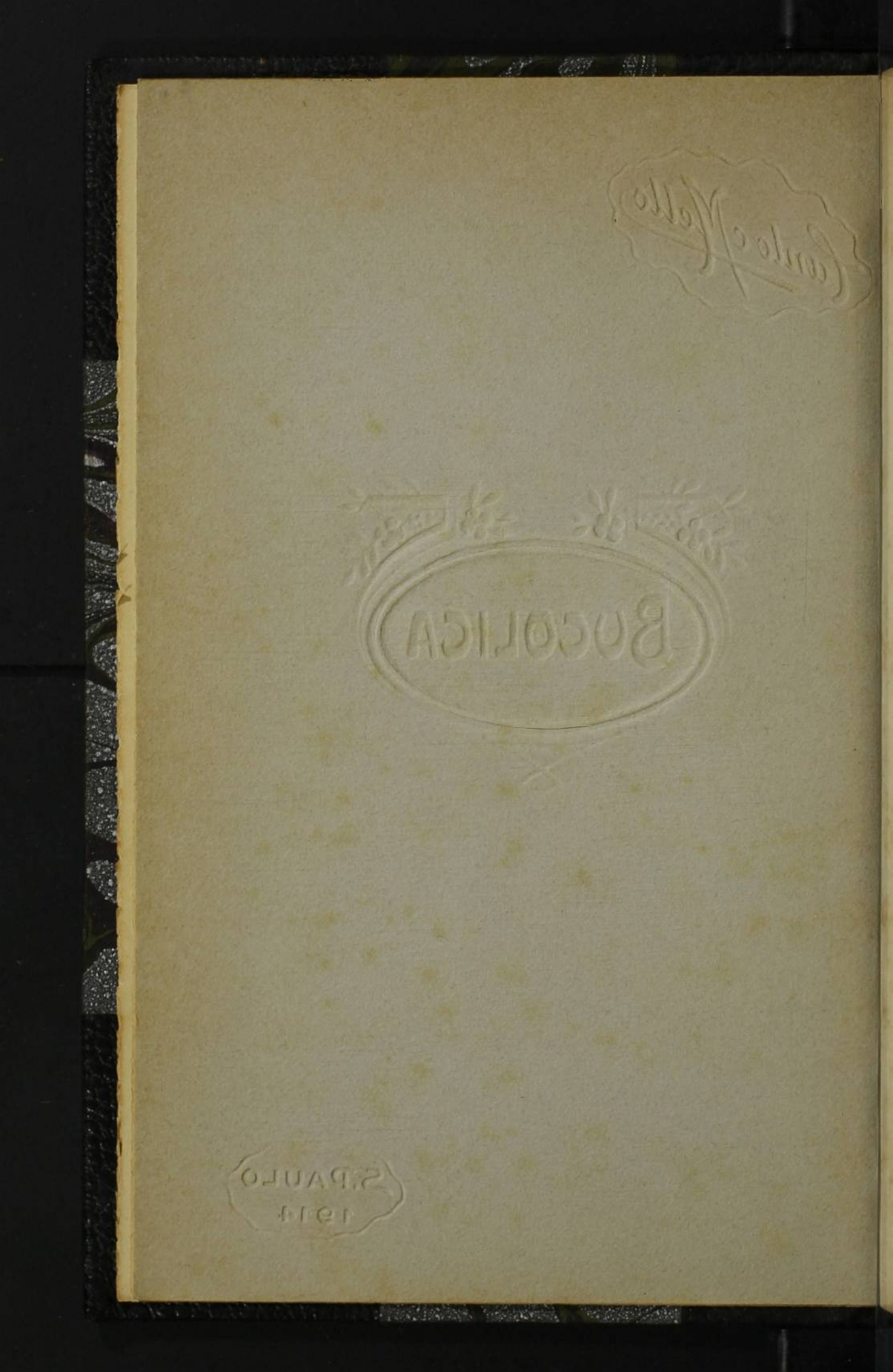
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Canto e Mello

BUCOLICA

S. PAULO
1914



BUCOLICA

CANTO E MELLO

BUCOLICA

Empresa Typographica Editora
«O Pensamento» — Rua Senador
— — Feijó, 19 — S. Paulo — —

DO AUTOR

ALMA EM DELIRIO—Romance, 1912 — *Empresa Typ. Editora «O Pensamento» - S. Paulo — Registrado na Bibliotheca Nacional, sob n. 1813, a 24 de Abril de 1913. Segunda edição, em preparo.*

MANA SILVÉRIA — Romance, 1913 — *Empresa Typ. Editora «O Pensamento» - S. Paulo — Registrado, na mesma data, sob n. 1814. Segunda edição, no prélo.*

Publicada no semanario illustrado «A Lua», em fórma de prosa rimada, nos numeros de Janeiro e Fevereiro de 1910.

o Fernando Guedes Coelho
Lembrança affectuosa do
Carlos e Mello
S. Paulo 20 Maio 1932
R. Florisbella, 25.

I

Esta saudade me mata.
Este desejo em que vivo,
—o teu porte airoso e esquivo
dentro em minhalma retrata.

E á noite, no eterno anceio,
entre dormindo e acordado,
sinto o teu corpo ao meu lado,
sinto o calor do teu seio.

Vivo a soffrer e a sentir
a falta do teu agrado.
Isto é um enorme peccado
que tu podes redimir.

Ao Fernando Guedes Galvão
lembrança affectuosa do
Carlos e Mello
S. Paulo, 20-Maio-1932.
R. Florisbella, 25.

I

Esta saudade me mata.
Este desejo em que vivo,
—o teu porte airoso e esquivo
dentro em minhalma retrata.

E á noite, no eterno anceio,
entre dormindo e acordado,
sinto o teu corpo ao meu lado,
sinto o calor do teu seio.

Vivo a soffrer e a sentir
a falta do teu agrado.
Isto é um enorme peccado
que tu podes redimir.

Escuta, pois, o que eu digo:
—deixa de ser scismadora.
Vem ser a consoladora
do teu pobre e triste amigo.

Vem. O teu corpo encostado
juntinho ao meu coração...
Seremos noivos que vão
para um divino noivado.

E juntos, juntos, gozando
do amor o macio enleio:
dormindo á noite em teu seio,
no teu regaço acordando.

E assim, a luz das estrellas
viria mansa e de rastros,
julgando teus olhos astros
creados para perdel-as,

viria, de manso e manso,
beijar-te a fronte formosa,
roçar-te a bocca de rosa,
banhar-te o corpo em descanso...

Depois, quando as alvoradas
chamam as aves dos ninhos
e enchem de flor os caminhos
e enchem de sombra as quebradas,

—eu, entre as sombras e a bruma
que a madrugada desata,
iria á fresca cascata
pedir um pouco de espuma

para os teus olhos dormentes...
Ai! O meu louco desejo!
Ai! esperanças que eu vejo
fugindo como as torrentes...
. . . . . .

Escuta, filha, o que eu digo:
—Ao longe pelos outeiros
vão cantando os pegureiros
Os meus idyllios comtigo...

Todos sabem deste anceio:
—As aves já nos conhecem
e as brisas, lentas, se esquecem
bebendo aroma em teu seio.

Vamos! O bosque convida...
Ha sombras quietas e tristes.
Meu beijo implora e resistes.
Anda! Vem! Vamos, querida!

Depois, quando os pastorinhos
que trazem brancas ovelhas
e quando as doudas abelhas,
passando nestes caminhos

souberem que nós passámos,
hão de morrer de tristeza,
pois não sabem, com certeza,
amar como nós amamos.

II

Não sei si já reparaste:
—As brisas que vêm da serra
beijam cantando na terra
as flores que tu pisaste...

Pobres das flores, não é?
Ellas de tanto querer-te
morrem felizes ao ver-te,
pois morrem sob teu pé...

Vamos... a tarde declina.
— Desce o crepusculo santo,
enchendo de paz e encanto
a calma desta campina.

Vai nascendo a lua cheia.
Treme nos ares, vibrando,
o som pungitivo e brando
do sino da nossa aldeia.

De longe, quasi apagado,
nos chega, lento e dorído,
o canto doce e sentido
dos guardadores de gado...

E o canto vibra a ferir
os ares calmos e quietos,
onde os ultimos insectos
passam fugindo, a zumbir...

Os valles vão se cobrindo
de um lençol de bruma opáca...
E ao longe mal se destaca
o meu rebanho, seguindo

quasi a não mais se avistar.
A tarde vai se acabando
e eu vou comtigo sonhando,
tu vais commigo a cantar...

Repara:—Pelas quebradas
róla o balar das ovelhas...
No ar, faiscando, as abelhas
vão procurando as moradas...

Olha que doces carinhos
as brisas dão a este prado,
quando o teu vulto encantado
passa por estes caminhos!

Já tudo santificaste:
—A rôla junto do ninho
repete ás vezes baixinho
os cantos que tu cantaste...

E estas arvores amigas
á noite, quando adormeces,
atiram ao céu em préces
todas as tuas cantigas.

Anda! Vem! Do azul do espaço
o manto da noite escura
virá cobrir a ventura
do meu somno em teu regaço.

E as féras, vendo quem és,
ante bellezas tamanhas,
hão de descer das montanhas
para deitar-se a teus pés.

Anda! Vem! A noite desce.
Meu beijo procura o ninho...
Elle é um pobre passarinho
que no teu labio adormece.

Anda, Amor! Vem descançar
junto de mim, sem receio.
E eu no calor do teu seio
quero dormir e sonhar...

III

Oh! como a noite é divina!...
Estes rumores que escutas
são dos Genios que, nas grutas,
estão cantando em surdina.

O vento passa agitando
de leve o pó dos caminhos,
e acorda dentro dos ninhos
as aves cantarolando.

Dorme em silencio esta matta.
E ás vezes, na aza do vento,
chega até nós, somnolento,
o chôro de uma cascata.

E dormes sonhando, amor,
e dormes sonhando, ovelha,
que a minha bocca é uma abelha
e que o teu labio é uma flor...

Que a abelha, afflicta, apparece
buscando essa flor mimosa...
Que foges e ella, teimosa,
pousa, sugando e... adormece.

Tu sonhas isso e sorrindo
abres uns olhos tão puros
que os céus até então escuros
pensam que a aurora vem vindo...

Oh! Como é doce o meu fado!
Que Deus bondoso me guia,
pondo-me n'alma a alegria
de amar e de ser amado!

O dia vem vindo emquanto
a noite, só por deixar-te,
derrama por toda parte
em fresco orvalho o seu pranto.

Vamos! A vida desperta
na concha quente dos ninhos.
E na paz destes caminhos
e na campina deserta,

— vaga o som lento e macio
do sino da nossa aldeia,
emquanto ao longe serpeia,
espreguiçando-se, o rio...

Vamos ver o nosso gado.
Vamos cuidar das ovelhas.
A fonte em que tu te espêlhas
quer ver o teu corpo amado.

E ella me disse outro dia,
mas eu não sei si é verdade,
que ha quasi uma eternidade
ella alli mesmo vivia

inutilmente brotando...
Mas, desde que te banhaste,
as aguas santificaste,
e ellas deslisam cantando.

Vamos! Os sons das buzinas
dos caçadores distantes
férem vibrando cantantes
a santa paz das campinas.

E ao longe, por sobre o véu
das névoas que vêm baixando,
passam as garças boiando
na grande concha do céu...

Que doce encanto me leva
nas azas do teu sorriso...
Isto é um santo paraizo...
Eu sou Adão, tu és Eva...

Vem, Eva! Vem ao meu lado!
És minha, és minha, és só minha!...
Dá-me o teu beijo, rainha!
Seja bemdicto o peccado!

IV

Hoje ha festa no logar.
As pastorinhas vêm todas
para assistir nossas bôdas
que aqui se vão celebrar.

Escuta. Vê si percebes
uns sons de frauta distantes,
que vem chegando vibrantes
por sobre os prados e as sébes...

Ouves? Ha vozes cantando.
—Vêm sanfonas, vêm pandeiros,
quebrando a paz dos outeiros
e a paz dos campos quebrando.

Como é doce esta alegria!
Que castidade infinita
por estes campos palpita
á luz bemdicta do dia!

Nestes ermos socegados,
que socegadas venturas!...
Que alegrias sans e puras
nestes biblicos noivados!...

Vem. Enlaça o braço nú
no tremor do braço meu.
Vem, que o teu noivo sou eu
e a noiva bemdicta és tu.

Vê que as pastoras vêm vindo
e trazem por sobre as toucas
corôas de rosas loucas
e vêm cantando e sorrindo.

E os cabreiros convidados
para esta festa de amores,
trazem grinaldas de flores
pendentes dos seus cajados.

Lá vem Onardo, o velhinho
de alma chan, sincera e franca.
Tem a cabeça tão branca
como a lan de um carneirinho.

E o seu olhar embaçado,
cheio de sombra e de encanto,
mais parece o olhar de um santo
que de um guardador de gado.

E' tão velho, o coitadinho,
e a bençam delle é tão bôa
que é Deus que nos abençôa
na bençam desse velhinho.

Tange o sino Ave-Maria.
Já brilham luzes na aldeia.
Paira nos campos de aveia
a luz extrema do dia.

E nós, num sonho enlevados,
eu sendo teu e tu minha,
iremos ter na egrejinha
a bençam deste noivado.

Vamos. O padre já veiu
e as moças querem dançar.
Vamos á beira do altar
santificar este anceio:

Tu dirás, corando — sim,
ao sacerdote de Deus.
E eu, fitando os olhos teus,
direi a tremer: — emfim!

V

Ferve a dança dos pastores
nestes ermos socegados.
E vão cantando abraçados,
todos cobertos de flores,

ao som do pandeiro agreste
e ao som da sanfona amiga,
em somnolenta cantiga,
os versos que tu fizeste.

Elles que fiquem dansando.
Minha cabana te espera...
—Vai nascer a primavera
quando tu fores chegando...

E, nas franças do pomar,
as aves, (que estranho encanto!)
hão de aprender o teu canto,
quando te ouvirem cantar!...

Lá embaixo daquelle outeiro,
entre novêllos de bruma
e entre novêllos de espuma,
passa chorando o ribeiro,

onde as pastoras d'antanho
vinham por longos caminhos
para lavar os filhinhos
no encanto daquelle banho.

Tinham fé consoladora
que alli banhando o innocente,
davam-lhe a sina ridente
de ser pastor ou pastora...

. . . . . .

Lá no recanto sombrio,
onde é mais macia a relva,
quasi na entrada da sélva
que segue beirando o rio,

vive um cazal de pastores
que veiu de longes serras
para gozar nestas terras
o idyllio de seus amores.

E andam os dois tão chegados,
vagando pelos outeiros,
que inveja dão aos solteiros
e inveja dão aos cazados.

E, assim, os dois, unidinhos,
ouvem, por noite serena,
os tocadores de avena
sonorizando os caminhos,

emquanto por sobre os montes
passam estrellas cadentes
e as brisas velam contentes
o somno e o sonho das fontes...

. . . . . .

Vem, amor! Vem que o teu ninho,
feito de musgo e de rosas,
tem como colchas sedosas
pelles de garça e de arminho...

E emquanto tu descançares
num somno calmo e profundo,
velarão por ti no mundo
todos os genios dos ares.

E os anjos virão risonhos,
e a lua virá mais triste,
ver si sonhaste e sorriste
para sonharem teus sonhos...

Vem, amor! Dá-me o teu braço.
Derrama em mim sem receio
todo o calor do teu seio
e o aroma do teu regaço.

Vem! A cabana te espera...
Vem, que o meu beijo tem fome!...
Ouve: — o écho do teu nome
vai de tapéra em tapéra...

E estes vales e este prado
hão de cobrir-se de flores,
vendo tão santos amores,
vendo tão santo noivado!

VI

Desperta, amor! Vem olhar
nossa primeira alvorada.
Do céu na curva azulada
a aurora vai despontar.

Desperta, que os passarinhos,
sabendo que estás aqui,
já estão chamando por ti
ao longo destes caminhos...

Vamos, amor! A neblina,
como pó feito de opála,
ao tom da brisa resvala
pelo pendor da collina.

E de alêm destes outeiros,
trazido na aza do vento,
chega o rumor somnolento
do farfalhar dos pinheiros.

Já passam zumbindo abelhas.
E, dos distantes cazaes,
sóbe o canto dos zagaes
junto ao balar das ovelhas...

E ha no espaço adormentado
um tom de anceio e de préce,
como si o mundo estivesse
louvando o nosso noivado...

Vivámos, amor! Vivámos,
unidos neste desejo,
casando num mesmo beijo
os sonhos que nós sonhámos!

Desperta que a estrella d'alva
já transpõe a extrema serra
e boia por sobre a terra
um cheiro de feno e malva..

Vamos! Lucano, o cabreiro,
baptisa a sua filha Idála.
E nós temos de leval-a
ás aguas desse ribeiro

onde foste baptisada...
Daremos, como padrinhos,
um casal de cordeirinhos
á pequenina afilhada...

Tu tomarás a creança
e, tendo-a ao collo bem preza,
descerás á correnteza
que não se detem nem cança,

e alli, colhendo na mão
a agua clara e fugidia,
direi cheio de alegria
e direi cheio de uncção:

«Recebe teu nome, Idála,
nesta agua consoladora,
para que sejas pastora,
para que sejas zagala...

E a agua que a espuma embala,
que foge fresca e macia,
dará de beber um dia
ás ovelhinhas de Idála,

quando ella fôr pastorinha
e levar pelos outeiros
o seu lóte de cordeiros
ao som de uma sanfoninha... »

Lucano já nos espera.
Dá-me o teu braço e sigamos.
Ao ver-te, as aves, nos ramos,
pensam que és a Primavera...

Vamos, amor! A neblina
como um pó feito de opála
ao tom da brisa resvala
pelo pendor da collina...

VII

Hoje é a primeira mingoante
deste verão que começa.
E vai seccar bem depressa
a fonte alegre e cantante

que nasce ao pé do cercado...
Vamos fechar a repreza
e fazer da correnteza
um açude para o gado.

Não ouves um canto estranho
que vence os outros rumores?
São os moços tozadores
que vem tozar o rebanho.

Prepara o mel que guardaste,
separa os queijos da palha
e põe já sobre a toalha
os pães frescos que amaçaste.

Vamos, pastora formosa!
Os tozadores vêm perto,
e elles esperam, de cérto,
almoçar antes da tóza.

Vamos ambos recebel-os...
Pega o cajado e sigamos,
emquanto por sobre os ramos
a bruma foge em novêllos,

e as andorinhas em bando
passam fugindo, velozes,
ao sentir o som das vozes
dos tozadores cantando...

Vamos que o humido véu
da bruma já se adelgaça
e sóbe como fumaça
para os mysterios do céu.

Vamos, que o dia clareia
e de longe, das quebradas,
chegam as notas maguadas
do sino da nossa aldeia.

Façamos a nossa préce:
«Deus bondoso, Deus amado,
augmenta e protege o gado,
dá-nos de trigo bôa mésse...

Neste bem que tu nos déste,
protege a nossa labuta!
Carrega o pomar de fructa,
livra o rebanho da peste.

Não faças seccar as fontes,
nem minguar do outeiro a relva...
Livra de incendios a selva!
Limpa de vermes os montes!

Deus bondoso, Deus amado!
Recebe a voz desta prece!
Dá-nos de trigo bôa mésse,
augmenta e protege o gado!...

Vamos, amor, a neblina
já se vai adelgaçando.
Ahi vêm os moços cantando
na santa paz da campina.

Vamos, pastora formosa!
Da aurora aos frescos albores
vem chegando os tozadores
para os mistéres da tóza...

VIII

Bom dia Silvano, amigo!
Deus te acompanhe, Balseiros!
Vós e mais os companheiros
fazeis no meu pobre abrigo

mais doce a manhan formosa!
— Seja bemdicto este dia!
Venha da vossa alegria
bençam e paz para a tóza.

Olhai que santa quietude
enche o socego dos ares...
Vêde, alêm, os nenuphares
modorrando á flor do açude...

Vêde no ar socegado
e no pomar e na serra
quanta paz ha nesta terra
onde nasceu nosso gado...

E nós que em tal bem vivemos,
que nada mais desejamos,
felizes, que aqui moramos,
ditosos, que aqui morremos,

vamos, vamos, ao trabalho.
O gado ha muito que espera,
e o Sol já bebeu na hera
tudo que havia de orvalho.

Comamos um pouco e á préssa
antes que o Sol mais se abraze
e rasgue de todo a gaze
da altura onde o céu começa.

O velho Alfano dizia
que um pouco de pão e queijo
bastam demais ao desejo
de gente alegre e sadia.

Esse pão branco e macio
é feito com mel de abelhas,
com leite são das ovelhas
e a lympha pura do rio.

E o queijo, o queijo, Silvano,
foi feito em pannos de linho,
mais puro e alvo que arminho,
cardado ha menos de um anno.

Quem o plantou foi Olmério...
Sabes, Libanio? O velhinho
bis-avô do teu visinho
lá de traz do cemiterio.

Vamos, amigos, comamos!
O Sol vai tornar-se irado,
banhando de luz o prado,
tostando as flores nos ramos.

Que alegria ao ver que existo
feliz comvosco ao meu lado!
Bemdicto seja o meu fado!
—Felicidade! Tu és isto...

Não ha, não ha sobre a terra
bem cubiçado ou tamanho
que valha o ter um rebanho
e um prado e um rio e uma serra...

E depois... Ai! Quem o diz!
Junto ao fogão que crepita,
a companheira bemdicta
cantando alegre e feliz...

Vem, ó pastora formosa!
Vem, nessa casta alegria,
santificar este dia
abençoar esta tóza...

IX

E o dia acabou-se quando,
aos sons da frauta e da avena,
foram por noite serena
os tozadores voltando...

— Bucólicos: —

Teócrito - (Grego. Dizem que nasceu em Syracusa)

— Italia —

Virgilio. (70 - 19 A.C.)

Calpurnio. (Do tempo do imperador romano Carus.

Longus. - E' desconhecida a sua patria. Viveu no 4º ou 5º século da nossa éra. E' o autor do romance "Daphnis e Chloé". Suppõe-se que era grego. Daphnis era um pastor da Sicilia e o suppuseram filho de Mercurio e de uma nympha. Protegido das Musas e era eximio no canto e no toque da flauta. Chloé é o sobrenome de Céres, entre os gregos e suas festas eram celebradas diariamente em Athenas sendo, nellas, sacrificado um carneiro.

Petrárca. (1304 - 1374)

Sannazaro. (1458 - 1530)

— Hespanha —

Marquez de Santillana.

Juan del Encina

Garcilaço.

— Portugal —

Don Diniz. (1279 - 1325.)

Gil Vicente. (Morto, segundo uns, em 1557 e, segundo outros, em 1537.)

Periodo aureo: Século XVI:

Bernardim Ribeiro. (1482 - 1552)

Christovam Falcão. (1515 - 1558)

Sá de Miranda. (1485 - 1558)

Antonio Ferreira. (152 - 1569)

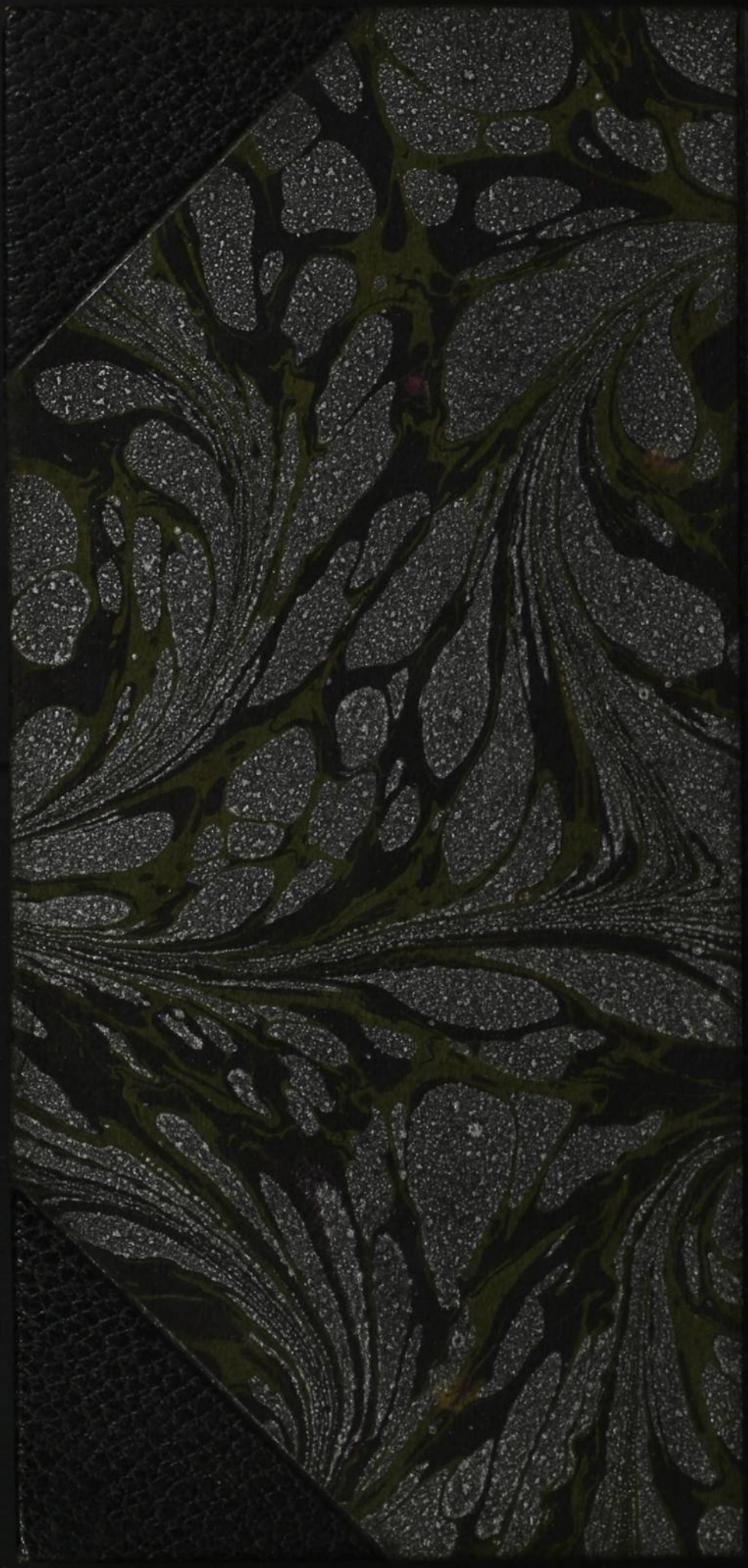
Camões. (1524 - 1580)

Diogo Bernardes. (1520 - 1605)

Frei Agostinho da Cruz. (1540 - 1619) As suas poesias estão, impressas na chronica da Arrabida por Frei Antonio da Piedade e, separadamente, em volume de 12º.

Pedro de Andrade Caminha. (1520 - 1680.)

Francisco Rodrigues Lobo (1580? - 1622?) Só o "Pastor Peregrino" bastara para assegurar a sua immortalidade. Deixou mais: "Côrte na aldeia", "Eglogas" e outras.

No Brasil: - Thomaz Gonzaga.

20255